

dem para si, se o quiserem, os velhos, os preconceitos, as abusões, as tolices.

O sol dos tropicos reserve o sangue da mocidade, e ella que ainda não exgotou a fé, que se atire hárvida e forte ás luctas da idea. Pela minha parte, tambem me vou em peregrinação, erguida a fronte, porque a consciencia é pura, e que importa obstáculos, entraves? Venham as urzes, lacerem as carnes embora, irei sempre, fitos os olhos inquelles que por uma idea morrerão e padecerão agonias cruciantes.

Fallo agora do Amor da Arte.

Vosso pelo C.

M. A. MAJOR.

(Continua)

## A POESIA BRASILEIRA

### E A LYRICA NACIONAL

{ Continuado do nº. 35 }

Passaram-se sete annos

Seria annuncio de esmorecimento se maiores espacos não tivessem decorrido de um a um dos annos em que os ex-forços dos patriarchas das nossas letras fizeram que chegasse aos vindouros a memoria das primeiras academias litterarias do Brazil.

Mas não. Em 1779 José Basilio da Gama e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, testemunhas do movimento litterario da Europa do seculo XVII, sendo talvez imprópria a epocha e fracos os alicerces em que forão assentadas as primeiras sociedades de letras na America do Sul; animados e auxiliados pelo governador Luiz de Vasconcellos e pelo bispo Macearenhas, fundaram no Rio do Janeiro a Arcadia Ultramarina, que julgaram modelada pela Arcadia Romana para poder zombar dos caprichos da sorte e como esta legar á posteridade a historia dos seus triumphos.

A seu lado se erguia em Portugal a Academia Real das Sciencias, como monumento d'aquele espirito litterario que ha de morrer com o ultimo portuguez, sem que deixe ja nais a tradição de suas victorias, de contar ás gerações que se sucedem o que foi Francisco Manoel do Nascimento, o que é José da Silva Mendes Leal.

No meio das vicissitudes de uma nacionalidade abalada pela subversão dos elementos da antiga paz, tambem o Instituto de França de 1794, já recolhendo as descobertas da civilisacão, já aperfeiçoando as artes e as sciencias da republica, mitigava os horrores das catastrophes da revolução francesa com as festas da intelligencia que se deviam reproduzir por setenta e douz annos depois para commemorar o grande facto da regeneração do espirito humano.

No entanto nem Basilio da Gama, nem Alvarenga, nem Domingos Vidal Barbosa, nem José Ferreira Cardoso, nem Domingos Caldas Barbosa, nem outros muitos que pareciam querer inaugurar o Menalo da nossa poesia, ao passo que creavam a segunda phase da recemnada litteratura, viam infrutíferos os seus exforços de partilhar com os seus patricios das conquistas da civilisacão europea.

O' Diniz! quantas vezes pela boca da memoria estarás fallando aos herdeiros da lyra pindarica dos triumphos da tua Arcadia! quantas vezes nas cordas do alaúde te dedilharão um hymno de saudades os genios que deste á patria como novos athletas do parnaso!

Salve, rei! que do meio dos povos unidos pelos liames da civilisacão a posteridade te saúde! Lembra-te de que a reminiscencia da idade de ouro te pedira a rehabilitação de seus foros, e tu lhe respondeste já com Elpino Nonaciense, mais tarde com Manoel Maria Barbosa de Bocage, e afinal com o Visconde de Almada Garrett!

O que foi Garrett em Portugal mostra-se trez annos depois no Brasil Domingos José Gonsalves de Magalhães.

Um bardo ilumineuse (diz o já citado auctor do *Curso de Literatura*) que, fugindo ao si istro ruído das discordias civis, na Europa fôra receber a consagração, impressionado pelo grande movimento intellectual que em torno de si se operava, pensou na patria, e julgou que chegado era o momento de tambem dictar-lhe com novas e livres instituições. Esse manebo é o poeta-diplomata, o philosopho dos *Factos do Espírito humano*, o cantor dos *Tamoyos*, n'uma palavra, o Sr. Domingos José Gonsalves de Magalhães...

E' verdade.

(Continua)

BACHAREL ALFREDO PIRAGIBE.

## ROMANCE

### ANDRÉ O MALDICTO

Era no tempo em que o cholera-morbus devastava cidades e provincias. Hontem, eram risos e canções, rosas e lyrios; hoje, prantos e lamentações, goivos e saudades. Entre uma noite e outra noite famílias inteiras partiam em romaria para a cidade dos mortos, e a pedra tumular era o lençol que cobriu muito leito nupcial,

Quem imagina o que é a peste?

Quem já viu um flagello tão terrível, que faz com que nem os propios filhos tenham coragem para amortalhar seus paes e fujam dellos espavoridos, como Hamleto diante daquelle sombra tão cara e tão terrível? Que maldição é essa que ceifa os homens, como a foice do lavrador arrasa os campos de trigo? Que chuva de fogo e bitume é essa que alunida cidades inteiras em tanta tristeza e tanta dor?— Os homens já não são paes, as mulheres já não são mães: todos são fant smis que gemem desgrenhados e cheios de saudade e de susto, ao som dos d'bres funebres e fatídicos, encheendo os ares de lamentos e imprecações. Nem um instrumento prazenteiro palpita entre umes mãos inspiradas, que a inspiração tiritá medrosa dentro dos craneos aridos e estupidos: nem uma cantiga folgazã vibra alegre nos ares, que as canções gelam-se ao sopro do desespero. O medico é uma irrisão, o sacerdote um importuno, o coveiro um abutre; e tal é o cortejo que a peste traz consigo.

## A REGENERACÃO.

E as cidades despovoam-se, e cobrem-se de crepe, e soltam dos campanarios vozes gemedoras, pungentes, funereas e prolongadas. E' o banquete da morte que tripudia no cemiterio, tendo por manjar os corpos de seus condenados, e por vinho as lagrimas dos afflictos; é a infame harpia, cuja insaciédeade não conhece limites e que no alto do Golgotha sevou-se até no cadaver de um Deus.

Quando chegará a tua vez, eterna Messalina ?

—  
Na villa de \*\*\* tambem gottejou a sua baba fatal, a terrivel doença. De dia para dia o flagello ameaçava tragar todos os habitantes; outrossim repetidas emigrações pareciam frustrar-lhe os intentos.

Só uma casa parecia ter sido poupada.

Seria porque n'ella se acotava algum reprobo indigno até d'esse medonho castigo ?

— Talvez.

N'ella viviam uma velha de cincuenta annos e seu filho.

Pobres, mesmo muito pobres, seu unico recurso era o trabalho, e elles se afadigavam ambos como douz condenado, porque ambos eram ambiciosos. Mas a ambigão n'esses douz entes mostrava-se sob aspectos diversos: n'uma, era a secura insaciavel de posuir ouro para aferrolhar-o; no outro era a avidez cega de ser ríco para gozar todos os prazeres e hambrear com os mais felizes do dinheiro. Eis porque ambos regavam quotidianamente o rosto no suor mortificante do trabalho; eis porque no seu viver não havia tregoa para o descanso.

Entretanto na villa algumas vozes surdas se esgueiravam deste para aquelle propalan lo que a velha já era possuidora de grossa somma; mas essas vozes enudeciam quando ella sahia á rua trajando um russo vestido de alpaca e ameitando-se tanto que julgavam todos que ella morria de fome.

Havia já algum tempo que seu filho andava pensativo e concentrado.

— André meu filho, dizia-lhe ella, o que tens? O que te faz assim cabisbaixo? Precisas de alguma causa?

— Preciso de dinheiro, respondia elle, em um tom rouco e desesperado, lento e imperioso.

— Ai! filho, quem m'o dera ta rabem.

E elle ria ironico e ameaçador.

E todos os dias era a mesma pergunta, e todos os dias a mesma resposta e o mesmo riso gelado.

Uma occasião André não esperou que sua mãe lhe fizesse a costumada pergunta, dirigio-se a ella e disse-lhe, como impondo uma ordem:

— Preciso de dinheiro!

A velha estorceu-se admirada, e começou uma lamento. Até ao filho queria enganar, até a elle queria occultar o thezouru que tinha ajuntado moeda por moeda e que fazia

as suas delicias. Era um impossivel o que André exigia. No dia seguinte fez a mesma imposição, volveu-lhe a mesma recusa. E durante muito tempo foi sempre assim.

Uma noite André descobrio o lugar em que escondia o dinheiro: era dentro do colchão. Mas como subtrahil-o, se ella tinha um sonno tão leve que o menor ruído de passos no quarto a dispertava? Todavia tentou o roubo. Mas quando, depois de ter conseguido penetrar no quarto, depois de ter-se aproximado, buscava rasgar o colchão para procurar o dinheiro a velha acordou.

Desde o seu primeiro movimento comprehendeu as intenções do filho, foi um olhar e um grito

— Ah! ladrão!

— Silencio! sou eu!

Mas ella gritava sempre.

— Silencio, velha!

(Continua)

C. DE C.

## POESIAS

### O CANTO DO TOBAJARA

Ama as selvas, e o vento palreiro,  
Ama a gloria, ama a vida; mas antes  
Que viver amargados instantes  
Quer e pode e bem sabe morrer!

—G. Dias.



Eu sou Tobajara, sou filho das selvas,  
Sou forte e valente, — sou livre, sou rei,  
Eu tenho o meo throno n'um leito de relvas,  
Soldados a centos que ja nem eu sei!  
Meo reino s'estende na matta frondosa,  
Se a fronte levanto soberba, orgulhosa,  
Quem ha tão ouzado que a venha curvar?  
Niguem! que sou forte, sou rijo, sou bravo,  
Meos pulsos não cedem á ferros d'escravo,  
Meos pulsos que sabem algemas quebrar!

A aurora quenasce, e o sol que desmaia  
Saúdam-me a fronte que cingem laureis,  
E as vagas que gemem, que rolam na praia,  
As plantas me beijam d'encontro os parceis,  
Meo arco entesado, nas costas a *aljava*,  
Na cinta d'embira repousa-me a *clava*,  
Que sabe os imigos mais feros conter;  
Se a flecha dispara, nos ares preando  
A *Garça* ligeira que passa voando,  
Eu vejo-a morrendo na flecha descer.



tos? Pois que, André! Tu já nãoexasperas para possuir esse ouro que tanto ambicionavas? Agora és rico, estás só, livre como a andorinha, são como a briza da manhã, tens apenas 23 annos, tuas fantasias e projectos como só pôde tel-los um emir ottomano, porque não os affectuas? Ainda erguias em tua imaginação castellos esplendidos, mais portentosos do que os teem sohado todos os poetas do mundo, e hoje nem a mais leve sombra delles se reflecte na tua ardente fantasia!

E que a fatalidade tinha arreiaç no ao lago sereno e unido de sua alma pesado seixo que devia ir resolvêr o lodo que lhe fazia no fundo, e esses movimentos bruscos que elle fazia eram apenas o encrespar das aguas perturbadas. E que o remorso lhe trazia do braço e o arrastava por invias e escabrosa paragens, e seus passos vacilantes eram apenas as tropeções que lhe custavam as dignidades do solo em que pisava.

Desgracado! Deus te perdoe tua tremenda impiedade! Reprobo! Chora seu crime!

O dia passou-se para André nesta agitação continuada, que parecia não ter mais termo. Nem lhe passou pela lembrança a idéia de tomar refeições. Chegou o noite e com ella negra horrores André acendera uma candeia e continuara o interminável passeio pela sala. Do exterior nenhum ruído viaha pertubar o silencio de que se via cercado o matricida, e por isso mesmo o barulho de seus passos echoava mais soleme no recinto que elle percorria. Mais de uma vez parou amedrontado diante de sua propria sombra que se projectava enorme na parede; então, depois de reconhecer o engano, via distintamente seus cabellos ouriçarem-se e um calafrio lhe invadia as carnes. Mais de uma vez tambem tentou ir à caza de jantar para beber agua; mas ao chegar á porta do corredor hesitava atemorizado diante da escuridão que distinguia no interior da casa, e se lançava mão da candeia pein. E se era, porque a luz batendo vacillante pelas paredes asfigurava fantasmou sombras de perseguidores que o buscavam.

Este terrivel estado se prolongava sem parecer dever acabar. Eram sustos a cada momento, tremores, suspiros, um respirar afianoso, um pulsar sem ritmo e anormal daquelle pobre coração ebrio de violentas emoções: enfim, parecia que sua imaginação exarcebada delirava em transes que so ella avaliava.

Alta noite, quando os vivos pareceram esquecer-se do mundo e a desolada villa cahira, como que cansada das agitações do dia, em um breve lethargo que devia findar com a aurora; quando os homens sentiram o dedo invencível do sonmo pesar-lhe sobre as palpebras, a natureza pareceu despertar para acumular horror sobre o unico ente que velava ainda. Um vento frio e sibilante se ergueu pouco a pouco e zunio alarmando pela cumieira da casa de André. As portas batiam rangendo, e a luz da candeia ameaçava apagar-se. O assassino pallido e a tremer encostava-se á parede e julgava que uma legião de espectros avançava apressada para prendê-lo. Elle não sabia se devia fugir, se rezar; no entanto não podia fazer o mais leve movimento. Collado, pregado de encontro á parede, ali estava, branco como a cal, hirto como o marmore.

De repente, e quando menos o esperava, sentio que uns dedos armados de fortes unhas arranhavam na porta da rua, Apenas o percebeu, escapou-lhe involuntariamente um grito. suas pernas fraquearam, e elle caiu de joelhos, quasi a desmaiar. Depois de algum tempo continuaram esses dedos a arranhar e um grunhido, mergulhando por baixo da porta, veio ferir os ouvidos do acobardado assassino. Então elle

reconheceu que devia ser um cão, que sua mãe costumava agasalhar ás vezes, reconhecida pelos benefícios que o pobre animal lhe prestara em uma noite em que os ladrões tinham querido penetrar em sua casa.

André resolveu então não lhe abrir a porta; mas o animal se impacientou e começou a uivar de tal modo choroso, desesperado e horripilante, com esse grunhido que dizem ser agoureiro, que o moço decidiu-se enfim a dar-lhe entrada. Quando o animal penetrou na sala, olhando de esguelha para André, não sabemos se pelo aspecto transtornado que elle apresentava, ou se pelo horror que adivinhava ligado áquelle ente, imediatamente fugiu d'elle, e embrenhou-se pelo negrume do corredor. O moço então logo fechou a porta desse corredor e ficou de novo só na sala. Mas a ação daquelle animal o impressionou extraordinariamente.

— Pois quel meu Deus!... este cão foge de mim!

De novo começou o torbilhão d'aqueellas visões bizarras a perturbar-lhe os trabalhados sentidos. Então lembrou-lhe rezar; mas debalde, porque a aurora ainda o veio achar entregue ás suas negras appetições.

Passou-se esse dia como se passara o da vespa; e a noite tambem. E depois um outro dia tornou a ser cheio de horrores, bem como a noite que se lhe seguiu.

Parecia que esse fatídico delírio não devia ter fim, porque era o remorso que martellava aquella alma.

Mas, fosse porque as sensações desse amaldiçoados se embotaram, fosse por um recurso extremo de coragem com que se revestiu ás vezes a fraqueza, André mostrou não ficar impressionado por tão repetidos choques. Sabia á rua e conversava com affabilidade; surria... tristemente, mas surria, e aquelles que o viam ás vezes cabisbaixo diziam lá para si:

— Coitado! É triste perder assim uma mãe extremosa!

O que ia dentro d'aquele crâneo ninguem o sabia! Se elle continuava a sofrer aquella tortura porque passaria logo depois da morte de sua mãe, não o podemos nós dizer! Seu exterior, se não indicava felicidade, não indicava ao menos tortura.

Mas o historiographo deve comentar quando narra, deve conjecturar, mas com perspicacia, quando ignora, e esquadrinhar, esmerilhar quando apalpa. Assim pois, embora illudisse o exterior de André, a verdade era que a maldição de sua mãe ainda não tinha tido uma consequencia.

(Continua)

C. DE C.

### CHARADA

Todas os seres me tem,  
Porém n'elles não estou eu,  
Se querem s'ber quem sou,  
Estou na luz, venho do céu — 1  
Parti do eterno, e por mim  
Todo o orbe se formou:  
Desde então todo o un — 2  
Só por mim se governou.

Conceito.

Em mim se gera  
Prazer ou dor,  
Centro da vida  
Templo de amor.

As charadas do nº. 33 exprimem ambas: Sonno e as do Suplemento são: Cataclisma e Camaleão.

brasas de heras e rosas as frontes, as hetairas jingião em seu  
plaastro poetas e artistas, philosophos e oradores.

As almas ideaes, que vivem de outro mundo, onde os  
encantos a Providencia deram em dívorios de consonos  
abemolados, e onde ao espírito enlevo harmonias misticas  
de auroras de luz, em vendo o prologo do *Autor*, necessaria-  
mente tremeliao entre o prazer e a admiracão. Não é que o  
prologo em si, como pega dramatica valha todo isto, não; é  
que elle recorda felicissimos tempos, saudosos e poetas.

O enlevo que o espírito experimenta ouvindo as vozetas  
ligeiras de um bolero ou o canto vasto e sublime de um du-  
to ou as gammas elegantes de um *clipe de harpa*, — não é  
tão bello, tão opulento, tão expressivo como o que elle sente  
apalpando o fragmento de um quadro antigo, uma medilha  
de Mithridates, um vaso de Pompeia, vendo um livro, um mu-  
nuscripto, uma scena que lhe falle dos monumentos grecos, ou  
dos Pelasgos, das legendas seculinavas ou dos costumes do  
seculo de Pericles.

O prologo do *Autor* pois como historia e como obra literaria vinga muito louvor. Ha ali verdade de sentimentos e  
caracteres; os personagens sustentão-se. Aristophanes e o  
Aristophanes do *Pluto*; o pamphleto em scena, o viculento  
castigador da corrupção de costumes; Eurípedes e o Eurípedes  
poeta que estudou a humanidade no homem, o emulo de So-  
phocles e o continuador de Eschylo. Democrito que ri-se, Her-  
achito que chora são ainda os vultos que a historia archiva e  
que a philosophia recorda, e o Phidias, que só falla uma vez,  
é o gigante da estatuaria, aquele que na Minerva do Parte-  
non e do Jupiter Olympico, como Miguel Angelo no Mysés,  
revelou em cada linha um sulco pujante do genio e em cada  
contorno o reverbero de muitos mundos de luz. Em fin Theodo-  
ta e Glycera, são photographias das hetairas atenienses  
Fais e Galathena, sacerdotisas de Venus a hermafrodita.

Antes de concluir esta epistola e de entrar no estudo do  
drama, apraz-me ainda, senhor redactor, disser-vos algumas  
palavras sobre Jonio, o Platão da arte dramatica, como diz  
Democrito.

Jonio, disse Turtedo Coelho em sua *Conversação Pre-ambular*, é um symbolo.

Jonio, que foge dos prazeres do Ceramico, que tem por  
amigos o inspirado autor de Heuba e o estatuario herculeo  
do Jupiter Olympico, e que em seus anelios e sonhos antevê  
a grandezza de sua arte, é o albor matutino de uma perfectibili-  
dade que hâde vir e que já vem hoje proxima, é a incarna-  
ção de uma idea — a realza da arte. E elle more, cuidando  
que a casta musa de suas illusões fôra victimâa das iras de  
Theodota e dos instintos brutais de Lysias. E a sua morte,  
eu o digo, porque o sinto, quer dizer que embora certe as pal-  
pebras do artista o sonno pesado da morte a arte não morre,  
porque a arte, emanacão celeste, não deve e não pode mor-  
ter.

12 de Novembro.

Vosso do C.

M. A. MAJOR.

## ROMANCE

### ANDRÉ O MALDICTO

*Continuado do n.º 2.*

Poucos meses depois da morte da mãe de André, quando  
doja a peste tinha ido talar outras terras. quem passasse ao  
cabir da noite pelo vilâa de \*\*\* n'Asia, entretedes, num ca-  
sa illuminada dentro da qual se preparava um arranjo do  
baile.

Era um impio, o matador de sua propria mãe, que de-  
pois de ter assassinado para roubar, de ter fingido para en-  
ganaçar, de ter enganado, e de ter roubado, e de ter feito ao  
fim de sua condempnação, quem a face da claridade se torna-  
va o heróe dessa festa.

André, o matador, acusado de cidadão ao talar uma  
virgem que enganara. Elle ria e brincava entre alegres com-  
panheiros, mas subitamente seu olhar se tornava fixo e uma  
pallidez cadaverica dava-lhe na face um beijo de gelo.

E porque havia poucos, na igreja, quando recobrera a  
benção sacerdotal e olhara para o chão, reconhecera que se  
tinha ajoelhado sobre as taboas que cobriam a sepultura de  
sua mãe.

—Hasde vir pedir perdão sobre a minha sepultura, ti-  
nha ella rouquejado entre as vascas da morte; mas eu não t'o  
darei!

Lembaram-lhe estas palavras e elle embranquecerá como  
quem desmaia. Todos viram seu estado n'esta hora so-  
lemne, mastinharam-n-o atribuindo á evocacão que o devia domi-  
nar ao dizer o ritual *sime*; mas á ceremonia seguirá-se o fol-  
gado, e todos, excepto elle, esqueceram esse incidente.

Depois que a dança fatigou a todos; depois que os rizos  
forão esmorecendo, e os instrumentos se calando, o matricida  
encaminhou-se para a camara, onde havia já algum tempo se  
tinha abrigado a cesta flor que devia entornar seu delicioso  
perfume n'aquelle peito aberto.

Mas elle preferio entregar á podridão seu corpo angelico  
a entregal-o aos braços do condemnado. Quando este deitou-  
se ao lado da donzella que se recatara debaixo das rendadas  
e alvejantes coelhas, sentiu em vez da tepidez de um seio a  
palpitâa, o frio acripiador e penetrante da pelle de uma ser-  
pente.

Era um cadaver o que elle abrajava!

Vertiginoso, tremulante como um ebrio, caminhou ate  
a porta e bradou por socorro. Quando acudiram á sua voz  
acharam-no tambem estendido e frio no chão juncado de  
folhas de rosas. Tinha desfalecido.

C. DE C.

*Continuado*